



Geografia, tradições e perspectivas: A presença de Pierre Monbeig

Organizadores

Amalia Inés Geraiges de Lemos · Emerson Galvani



Departamento
de Geografia
Universidade
de São Paulo

expressão
POPULAR



CLACSO
LIVROS

Secretaria Acadêmica Paulo Guntim, Secretário Executivo Adjunto de CLACSO

Área de Produção Editorial e Conteúdos Web de CLACSO

Responsável Editorial Lucas Sablich

Diretor de Arte Marcelo Giardino

Programa de Publicações em Português

Edição Virgínia Maria de Castro

Supervisão Editorial Mónica Arroyo

Edição e Revisão de Textos Flávia Grimm

Assistência editorial Ana Elisa Rodrigues Pereira

Composição Krits Estúdio

Arte de Capa Marcos Cartum

Impressão Cromosete

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

G345

Geografia, tradições e perspectivas: a presença de Pierre Monbeig / Amalia Inés Geraiges de Lemos, Emerson Galvani (organizadores). --1.ed.--Buenos Aires ; São Paulo : CLACSO, Expressão Popular, 2009. 312 p. : il., mapas -- (Por uma geografia latino-americana)

Vários autores.

Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>.

ISBN 978-85-7743-136-6

1. Geografia. 2. Monbeig, Pierre, 1908-1987 - Geógrafo. I. Lemos, Amalia Inés Geraiges de, org. II. Galvani, Emerson, org. III. Título. IV. Série.

CDD 918.1

910.92

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – Conselho Latino-americano de Ciências Sociais

Av. Callao 875 | piso 3º | C1023AAB Ciudad de Buenos Aires | Argentina

Tel. [54 11] 4811 6588 | Fax [54 11] 4812 8459 | clacso@clacso.edu.ar | www.clacso.org

Universidade de São Paulo

Vice-Reitor (no exercício da Reitoria) Franco Maria Lajolo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas

Diretora Sandra Margarida Nitri

Vice-diretor Modesto Florenzano

Departamento de Geografia

Chefe Jurandyr Luciano Sanches Ross

Vice-Chefe Ailton Luchiari

Programa de Pós-graduação em Geografia Humana

Coordenadora Mónica Arroyo

Vice-coordenadora Rita de Cássia Ariza da Cruz

Programa de Pós-graduação em Geografia Física

Coordenador Emerson Galvani

Vice-coordenador Luis Antonio Bittar Venturi

Editora Expressão Popular Ltda.

Rua Abolição, 197 | Bela Vista | 01319-010 | São Paulo – SP

www.expressaopopular.com.br | www.expressaopopular.com.br

BEATRIZ PICCOLOTTO SIQUEIRA BUENO*

MAPA, TEXTO E CONTEXTO NUM IMPÉRIO EM MOVIMENTO

Este ensaio trata dos desafios que envolvem os estudos da cartografia dos engenheiros militares. Tem uma dupla dimensão: teórico-metodológica e aplicada. Parte das teorias e metodologia propostas por J. Brian Harley em ensaios como "Textos y contextos en la interpretación de los primeros mapas"¹ (Harley, [1990] 2005: 59-78) e "Hacia una deconstrucción del mapa"² (Harley, [1989] 2005: 185-207), publicados no livro póstumo *La Nueva Naturaleza de los Mapas* (Harley, [2001] 2005), e propõe um exercício de interpretação de uma carta do engenheiro-agrimensor holandês Georg Marcgraf (1643-1647), realizada por ocasião da invasão do Brasil pela Companhia das Índias Ocidentais (1630-1654). O livro *The Portuguese Empire (1415-1808): a world on the move*, de A. J. R. Russell-Wood (Russell-Wood, 1998), inspirou o título – Mapa, texto e contexto num império em movimento –, no qual subjaz uma terceira dimensão, já que, indiretamente, este ensaio também investiga sobre séries documentais hoje reunidas em instituições como o Algemeen Ryksarchief (Haia)³, o

* Professora Doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil.

- 1 Este texto foi publicado originalmente em David Buisseret (ed.). *From Sea Charts to Satellite Images: Interpreting North American History through Maps*. Chicago: University of Chicago Press, 1990, pp. 3-15.
- 2 Este texto foi publicado originalmente em *Cartographica* 26, núm. 2 (1989), pp. 1-20.
- 3 Reúne as coleções de documentos outrora pertencentes ao Arquivo Geral das Companhias das Índias Ocidentais e Orientais (WIC e VOC).

Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)⁴ e o Archivo General de Simancas⁵, alertando para as dificuldades da pesquisa atual em acervos onde os originais foram desmembrados em seções diversas, dificultando a interpretação epistemológica das conexões entre mapas, textos e contextos.

Segundo nos ensina J. B. Harley no texto publicado postumamente no livro "La Nueva Naturaleza de los Mapas" (Harley, 2005), mapas como documentos históricos têm uma natureza social e são ao mesmo tempo imagens (representação gráfica) e texto (discurso), desenhos e desígnios (neologismos do século XVI, não por acaso originários de uma raiz etimológica comum). Para além de duplos da realidade, documentos exclusivamente derivados da ciência e da arte de um dado período, portanto compreensíveis dentro dos limites das técnicas de topografia, da habilidade do cartógrafo e do código de signos convencionais então vigentes, os mapas são uma construção social do mundo expressa por meio da cartografia. O que lemos em um mapa está relacionado tanto com fenômenos vistos e medidos da paisagem, como com um mundo invisível e com ideologias escondidas nas entrelinhas do discurso visual, aparentemente neutro. Não são assim artefatos objetivos ou exatos, sendo fundamental ao pesquisador explorar novos significados, agendas ocultas e visões de mundo nas entrelinhas da imagem. Para além de signos e símbolos – linhas, cores, códigos e convenções de representação – que nos obrigam, de partida, a desconstruir a gramática que orienta a leitura e tradução do texto do mapa (gramática esta compreensível através dos tratados de desenho cartográfico da época) (Bueno, 2001 e 2004a), cumpre-nos interpretar a sua dimensão simbólica, relacionando um artefato cartográfico a outras séries documentais. A estratégia interpretativa jamais deve entender o mapa como o produto de um contexto. Harley alerta para a necessidade de derrubarmos esta falsa dicotomia entre um enfoque exteriorista e um interiorista da interpretação histórica, estudando o mapa e o contexto num mesmo terreno. Harley também enfatiza que para conseguirmos uma interpretação histórica nessa direção epistemológica, seria necessário diferenciar três aspectos do contexto que influenciam na leitura dos mapas como textos. Para o autor são eles: 1) o contexto do cartógrafo, 2) o contexto de outros mapas (e, aí eu acrescentaria, de outros textos), 3) o contexto da sociedade.

O CONTEXTO DO CARTÓGRAFO

No que diz respeito ao contexto do cartógrafo, um bom ponto de partida é descortinar as intenções e as circunstâncias de quem traçou os mapas,

⁴ Reúne a coleção do antigo Conselho Ultramarino.

⁵ Reúne a documentação do Conselho de Guerra do período filipino.

respondendo as indagações do por quê, para quem e para que. Em se tratando de mapas oficiais manuscritos, tal como a maioria das cartas desenhadas por engenheiros militares, a identificação da autoria não é algo tão complexo, embora o cartógrafo, em geral, ao desenhar um mapa não parta do zero, valendo-se de outras matrizes, às vezes como meras cópias tardias, outras vezes envolvendo acréscimos sobre uma base precedente. É preciso estar atento à intrincada autoria múltipla dos mapas, por vezes até mesmo produto da divisão do trabalho. Harley salta que quando entramos na larga transição da era do manuscrito à da impressão, a divisão do trabalho se acentua, convertendo o autor numa figura sombria, e a tradução da realidade que se registra no mapa mais complexa. Cada mapa é produto de vários processos que envolvem indivíduos, técnicas e instrumentos, códigos e convenções de representação, trazendo ali amalgamados vários textos. É justamente esta intertextualidade que deve ser descoberta no processo interpretativo. Nesse sentido, cada mapa codifica mais de uma perspectiva de mundo.

No que diz respeito ao comitente, no caso da cartografia oficial manuscrita ou impressa dos engenheiros militares, trata-se de ferramentas de Estado, feitas por profissionais formados em instituições do e para o Estado – as Academias Militares⁶ – cujo ensino era constantemente atualizado, segundo os padrões cartográficos internacionais de vanguarda, para atender aos desígnios das coroas europeias de expansão e conquista de novos territórios. Os mapas geográficos, corográficos, topográficos, de cidades ou de edifícios eram em geral, registros administrativos ou projetos de defesa e desenvolvimento econômico. Para além de sua dimensão pragmática, tratava-se por vezes de instrumentos da diplomacia ou propagandísticos das próprias realizações políticas do Estado, acentuando-se nestes casos sua dimensão retórica. Nesse sentido, a resposta aos desígnios que orientam a feitura de um mapa ou série de mapas permite entrever políticas estatais, limitando a influência individual do próprio cartógrafo à medida em que se alarga a sua dimensão social.

⁶ As Academias Militares portuguesas têm sua origem no século XVI e importantes dobramentos nos séculos XVII e XVIII. Convém destacar: a "Escola de Moços Fidalgos do Paço da Ribeira" (1573); a "Aula de Esfera do Colégio de Santo Antão"; a "Aula de Fortificação" de Lisboa nos tempos dos engenheiros militares Serrão Pimentel (séc. XVII) e Manoel de Azevedo Fortes (séc. XVIII), bem como as academias provinciais de Vila do Castelo, Almeida, Elvas e Tavira, e as academias no ultramar de Angola (1699), Goa (1699), Salvador (1696), Rio de Janeiro (1698), São Luís do Maranhão (1699), Recife (1701) e Belém (1758). Para o caso castelhano, destaca-se a "Academia de Matemáticas e Arquitectura", criada por Felipe II e o arquiteto Juan de Herrera em Madri, em 1583, e para o caso holandês, a "Duystche Mathematique", criada em 1600, na Universidade de Leiden, pelo matemático Simon Stevin. Trata-se de cursos em língua vernácula para formação de engenheiros militares e agrimensores.

O CONTEXTO DE OUTROS MAPAS E TEXTOS

Já que nenhum mapa está hermeticamente fechado em si mesmo, outra pergunta interpretativa fundamental a fazer é como este se relaciona com outros mapas e documentos correlatos. Nesse sentido, construir genealogias de mapas é sem dúvida outra atitude inevitável do pesquisador. A isso eu acrescentaria, também, a necessidade de se consultar documentação escrita relacionada aos mesmos. Neste aspecto reside um enorme desafio ao pesquisador de mapas oficiais e manuscritos dos engenheiros militares, já que em muitos arquivos e bibliotecas atuais a documentação escrita oficial que acompanhava estes desenhos foi separada dos mesmos, o que muito dificulta a investigação contextual da cartografia.

Ora, num vasto império em movimento, essas folhas de papel alinhavaram muitas conversas e determinações fruto de agendas oficiais explícitas ou ocultas, que nos cabe investigar. Para além dos fluxos e refluxos (Russell-Wood, 1998) de caravelas, naus, pessoas, "commodities", disseminação da fauna e flora, transmissão de estilos, costumes, formas arquitetônicas e ideias etc, estas folhas de papel foram não só fundamentais para plasmar em instantâneos gráficos esses impérios do Antigo Regime em pleno movimento, mas sobretudo instrumentos na sua orquestração e gestão, seja registrando obras realizadas, seja projetando outras, seja definindo políticas de ocupação e conquista, seja assinalando imperativos territoriais de uma agressiva expansão europeia em novos e velhos mundos, seja legitimando-os em acordos políticos internacionais, seja propagandeando feitos, mapas e ofícios circularam juntos, interligando e articulando mundos distantes. Nesse aspecto, mapas e textos são indiscutivelmente documentos sociais e culturais, convertendo-se num sistema de significados através do qual se comunica, reproduz, experimenta e explora uma ordem social em expansão e constante movimento.

O SIGNIFICADO DOS MAPAS

Para investigar os significados intrínsecos aos mapas, na linha das teorias de Erwin Panofsky (Panofsky, 1979: 45-88), cabe ainda ao pesquisador realizar uma minuciosa análise iconográfica e iconológica. A análise iconográfica põe luz sobre o tema primário, desconstruindo os diversos níveis da representação gráfica - conteúdo primário, instrumentos e técnicas de registro em campo e no gabinete, códigos e convenções empregados etc -, ao passo que a análise iconológica exacerba um segundo nível de investigação, mergulhando nas entrelinhas retóricas do discurso cartográfico, em busca de um estrato simbólico de significado com conotações ideológicas nem sempre evidentes. Para além do estudo dos motivos ornamentais de cartuchos e molduras, nesta segunda dimensão hermenêutica está em jogo

descortinar metáforas, metonímias e hipérboles visuais, muitas vezes encobertas no uso de símbolos convencionais exacerbados, ênfases gráficas, centralidades criadas, linhas abstratas que registram territórios almeçados, distorções intencionais de coordenadas geográficas em prol de interesses territoriais obscuros, ausências proposiais de registro, apagamento de populações que antecederiam a presença europeia, vazios proposiais, omissões intencionais, o que torna a tarefa de leitura e interpretação de um mapa algo extremamente instigante e cheio de armadilhas perigosas. Para exercício de interpretação epistemológica na linha proposta por Harley, escolhi o mapa de Georg Marcgraf, "BRASILIA qua parte paret BELGIS/ Brasiliae Geographica & Hydrographica Tabula nova, continens Praefecturas de Ciriji, cum Itapuama de Parnambuca Itamaraca Paraiba, & Potiji, vel Rio Grande. Quam proprys observationibus ac dimensionibus diuiturna peregrinationi ase habitis, fundamentaliter superstruebat et delineabat Georgius Marggraphius Germanus Anno Christi 1643", impresso em 1647 por Joan Blaeu, em Amsterdã (Coleção Brasileira/ Fundação Estudar).

EXERCÍCIO DE INTERPRETAÇÃO EPISTEMOLÓGICA DO MAPA DE GEORG MARCGRAF

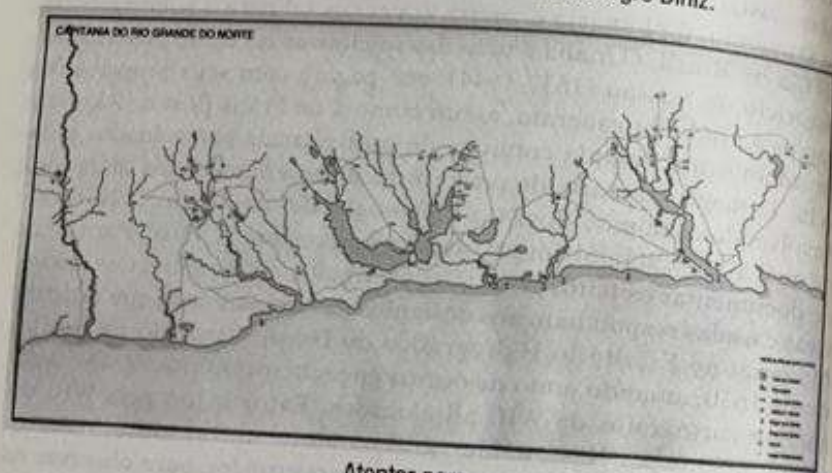
FIGURA 1
Mapa do nordeste do Brasil em 1647



Georg Marcgraf, 1647, BRASILIA qua parte paret BELGIS/ Brasiliae Geographica & Hydrographica Tabula nova, continens Praefecturas de Ciriji, cum Itapuama de Parnambuca Itamaraca Paraiba, & Potiji, vel Rio Grande. Quam proprys observationibus ac dimensionibus diuiturna peregrinationi ase habitis, fundamentaliter superstruebat et delineabat Georgius Marggraphius Germanus Anno Christi 1643. Mapa impresso, Amsterdã, Joan Blaeu. Color, 117 x 161 cm; Coleção Brasileira/ Fundação Estudar - São Paulo.

FIGURA 3

Interpretação iconográfica dos dados correspondentes ao atual estado do Rio Grande do Norte, por Nathália Montenegro Diniz.



Atentar para enorme quantidade de currais de gado na região.

A versão impressa, publicada em Amsterdã, em 1647, foi realizada a partir de numerosos esboços levantados em 1643 e delineados em 1644, não sabemos em que medida encaminhados ao Arquivo Geral da Companhia das Índias, em Haia, ou guardados pelo próprio governador, quando do seu retorno à Holanda, em 1644, em clima não muito amistoso com a WIC.

Desse clima tenso entre funcionário e empresa, provavelmente, resulte o aspecto definitivo do mapa, reduzido em 1646 e impresso em dimensão mural, em 1647, fruto da participação de outras mãos na ampla cadeia de profissionais que estavam envolvidos na feitura de mapas nos Países Baixos.

O CONTEXTO DE OUTROS MAPAS, TEXTOS, DESENHOS, PINTURAS E GRAVURAS

Seria ilusão pensar que se tratava exclusivamente de um mapa de campo. Igualmente, nem de longe, se trata de um mapa exclusivamente de gabinete. Sem o dizer, Marcgraf se valeu seguramente de mapas parciais holandeses e ibéricos anteriores (figura 4 e 5).

FIGURA 4

Detalhe do mapa. Região de Olinda / Recife.



FIGURA 5

Detalhe da região de Olinda / Recife.



Carta de João Teixeira Albernaz I (c. 1616), *Rezação do Estado do Brasil... Portugal*, color. (Seção de Reservados da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Códice 126).

Certamente relacionava-se também a outros relatórios não espacializados, tais como o "Relatório sobre as capitânicas conquistadas no Brasil pelos holandeses", datado de 1639, e elaborado por Adriaen van der Dussen, contendo informações sobre as condições econômicas e sociais - portos, rios, jurisdições, cidades, freguesias, fortificações e engenhos - de Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande do Norte. Na introdução da tradução do relatório seiscentista, José

Gonsalves de Mello salienta que o inventário inseria-se numa série mais ampla envolvendo vários outros realizados em 1630, 1636, 1637, 1638, 1639, 1640 e 1641, prática semelhante às *Relaciones Topograficas de Castilla e Geographicas de Indias* do período felipino (Bueno, [2005-2006], 2007). A visitas de campo de Marcgraf foram, assim, sem dúvida, orientadas por estes inventários de gestões administrativas anteriores à de Nassau, resultando nos numerosos esboços levantados em 1643 e delineados em 1644, provavelmente ainda no Brasil. Tal como mencionado acima, com base no título do mapa no cartucho, as reduções só foram feitas em 1646, em Amsterdã, talvez sem a presença de Marcgraf.

Em escala mural (117 x 161 cm), o mapa foi impresso e ilustrado com vinhetas atribuídas a Frans Post. De um lado, tais ilustrações sobre engenhos (Figura 6), currais de gado, aldeias jesuíticas, tribos indígenas aliadas e inimigas (Figura 7), fauna e flora funcionavam como "box", exacerbando hiperbolicamente os diversos aspectos da vida material ali registrados, em "layers" diversos, através de abstratos códigos e convenções cartográficas. Seriam uma espécie de estratégia de difusão e acessibilidade dos conteúdos do mapa para um público leigo ou menos técnico, ressaltando aspectos herméticos de uma linguagem codificada e mais restrita a iniciados na cartografia. De outro lado, estas ilustrações relacionavam-se a outra série documental, contemporânea do mapa, envolvendo o inventário para a "História Natural", de Piso (1968), realizado em parceria com o próprio Marcgraf (Figura 8), bem como desenhos, gravuras e pinturas realizadas pelos pintores Frans Post (Figura 9) e Eckhout, ambos, assim como Marcgraf, também patrocinados pessoalmente por Nassau, o que nos leva à seguinte indagação.

Seria o mapa, as pinturas e gravuras de Post e Eckhout fruto de um projeto particular do governador, almejando eternizar os seus feitos desde o início, ou enquadravam-se numa política de conquista e comércio internacional da Companhia das Índias? Provavelmente, ambas as possibilidades encontram-se amalgamadas nessa série documental, envolvendo a agenda oficial e secreta de Nassau. A resposta a tais indagações só seria possível descortinando o universo de circulação e consumo desses mapas murais, nas suas várias edições e formatos, algo que ainda carecemos de fazer. Isso nos remete ao terceiro nível de análise proposto por Harley.

FIGURA 6
Detalhe das vinhetas atribuídas a Frans Post: engenho.

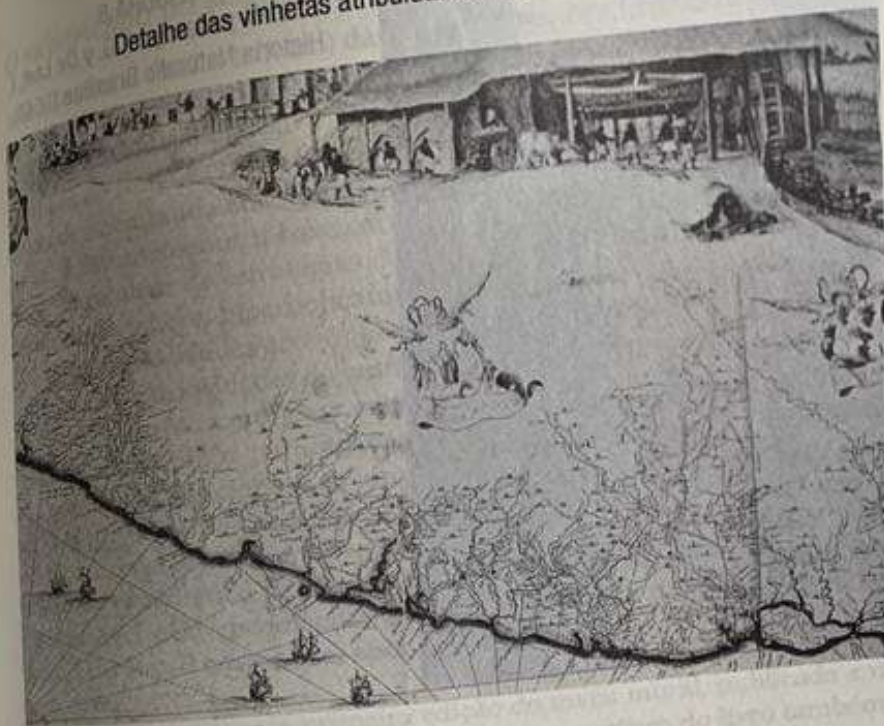


FIGURA 7
Detalhe das vinhetas atribuídas a Frans Post: tribos indígenas.





FIGURA 8
Piso, W. y Marcgraf, G. y De Laet, I.
Historia Naturalis Brasiliae (1648),
Franciscus Hack, Amsterdam.
Coleção Ruy Souza e Silva.

FIGURA 9
Pintura de Frans Post. *Paisagem com plantação (O Engenho)*. Óleo sobre tela,
71,5 x 91,5 cm, 1668. Coleção Museum Boijmans Van Beuningen, Rotterdam.



O SIGNIFICADO DO MAPA DE MARCGRAF

A escala mural (117 x 161 cm) das diversas versões impressas do mapa de Marcgraf publicadas em Amsterdã - Blaeu (1647) (Coleções Beatriz e Mário Pimenta Camargo e Fundação Estudar-SP), H. Allard (1659), Clement de Jonghe (1664) (Mapoteca do Itamaraty-RJ) -, em folha única ou desmembrada em 3 partes, guardam sobretudo semelhanças entre si. Aparentemente, a base cartográfica de Marcgraf não foi modificada. Para além de estratégias de divulgação para um público menos técnico, as vinhetas hiperbolicamente reforçam os aspectos da conquista e as potencialidades econômicas do Brasil aos olhos do comércio internacional. Curiosidades da fauna e da flora correspondentes ao inventário de Piso e Marcgraf para compôr a "História Natural" são também destacadas no mapa para aguçar o gosto pelas curiosidades do Novo Mundo. Naus posicionam-se junto à costa, registrando as dificuldades da conquista militar do nordeste do Brasil. Do Sergipe ao Rio Grande do Norte, o mapa exacerba, sem sombra de dúvidas, para além de um relatório pragmático para a WIC, a grandeza de Maurício de Nassau, responsável pela encomenda, que com pulso forte consolidou a conquista do Brasil para a Cia, após a fase mais crítica dos sete anos precedentes.

Não por acaso, a primeira edição do mapa mural, publicada em Amsterdã por Joan Blaeu, em 1647, é contemporânea do livro também impresso em Amsterdã, no mesmo ano, por Blaeu, encomendado ao importante humanista holandês Caspar Barlaeus pelo próprio Nassau - "Rerum per octennium in Brasilia Et alibi nuper gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitis I. Mauritii Nassoviae, & Comitis, Nuna Vexsaliae Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. Sub Avriaco Ductoris, Historia" (Coleção Brasileira/ Fundação Estudar). Espécie de panegírico, o livro assim como o mapa, tinha interlocutores claros - os diretores da WIC e a aristocracia europeia erudita. Escritos em latim, ambos, mapa e livro destinavam-se a um público culto e exaltavam hiperbolicamente os feitos de um governante desgastado perante a Companhia e em busca de novos postos e ascensão social no seio da aristocracia europeia. Com esse artifício propagandístico, Nassau vislumbrava ressaltar as conquistas realizadas nos sete anos de sua administração no Brasil. Esse aspecto confere um caráter específico ao discurso, à narrativa metafórica encomendada a Barlaeus. O livro, assim como o mapa, não apenas se vale das ricas gravuras e pinturas de Frans Post e Eckhout ou do inventário de Piso e Marcgraf, mas de outros mapas da Cidade Maurícia, das demais vilas e povoações do Nordeste, fortificações e engenhos de açúcar. São documentos outrora pertencentes ao Escritório Hidrográfico do Recife e realizados também por outros

profissionais a serviço da WIC no Brasil. São literalmente versões impressas de originais manuscritos e aquarelados hoje sediados no Arquivo-*meen Rijksarchief* (Haia) –, que provavelmente Nassau contrabandeou cópias para seus arquivos pessoais.

A intertextualidade presente no mapa e no livro, bem como em outros livros e mapas, como o Atlas de Blaeu, que oficialmente divulga os feitos da WIC e apresenta em versões parciais o mapa de Marcgraf, narra um processo de conquista europeia de novos territórios, exaltando feitos individuais e coletivos, descortinando nas entrelinhas do discurso textual e visual contextos sociais e culturais complexos, cuja leitura só será possível através da interpretação epistemológica dessas séries documentais conexas.

Nesse aspecto reside a importância dos trabalhos recentes de informatização de coleções dessa natureza em diversas bibliotecas e arquivos, nacionais e internacionais, em bases digitais integradas, garantindo assim a futura inter-relação de redes conexas de documentos, envolvendo mapas, textos e contextos.

BIBLIOGRAFIA

- Bueno, Beatriz P. S. 2001 *Desenho e Designio: o Brasil dos Engenheiros militares (1500-1822)*. São Paulo: Tese de Doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (versão revisada 2003).
- Bueno, Beatriz P. S. 2004a "Decifrando Mapas: Sobre o Conceito de 'Território' e suas Vinculações com a Cartografia", *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 10/11, pp. 155-194.
- Bueno, Beatriz P. S. 2004b "A Guerra de Papel: Confecção e Disputa pelos Mapas" Em Tostes, Vera y Benchetrit, Sarah y Magalhães, Aline (eds. 2004). *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário. Livro do Seminário Internacional*. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, pp. 145-168.
- Bueno, Beatriz P. S. 2007 "As obras seiscentistas da Coleção Brasileira/ Fundação Estudar". Em Bertani, Roberto (ed., 2007). *Coleção Brasileira/ Fundação Estudar*. Via Imprensa Edições de Arte, São Paulo, pp. 24-47.
- Bueno, Beatriz P. S. 2005-2006, 2007. "Entre teoria e prática: a cartografia dos engenheiros militares em Portugal e no Brasil, séculos XVI-XVII", *Terra Brasilis*, ano VI-VII-VIII, nos. 7-8-9, Rio de Janeiro, pp. 59-96.

Diniz, Nathália Montenegro 2008. *Velhas fazendas da ribeira do Seridó*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo.

Galindo, Marcos y Lodewijk Hulsmán 2001, *Guia de Fontes para a História do Brasil Holandês. Acervos de manuscritos em Arquivos Holandeses*. MINC/ Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, Brasília/Recife.

Galindo, Marcos y Menezes, José Luiz Mota (2003), *Desenhos da Terra. Atlas Vingboons*. ABN-AMRO Bank/ Banco Real/ Bandepe/ Instituto Cultural Bandepe, Recife (Catálogo de Exposição).

Harley, J. B. 2005 *La Nueva Naturaleza de los Mapas. Ensayos sobre la historia de la cartografía*. Fondo de Cultura Económica, Cidade do México.

Herkenhoff, Paulo (ed., 1999), *O Brasil e os holandeses (1630-1654)*. Rio de Janeiro: Sextante Artes.

Latour, Bruno 2000 "Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções". Em Baratin, Marc y Jacob, Christian (eds., 2000). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp. 21-44.

Panofsky, Erwin 1979 "Iconografia e Iconologia: uma introdução ao estudo da Arte da Renascença". Em *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, pp. 45-88.

Russell-Wood, A. J. R. 1998 *The portuguese empire 1415-1808: a world on the move*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.

Teixeira, Dante Martins 2008 *A arte nos mapas na Casa Fiat de Cultura. Uma viagem pelos quatro cantos do mundo*. Nova Lima: Casa Fiat de Cultura, (Catálogo de Exposição)

Zandvliet, Kees 1998 *Mapping for Money. Maps, Plans and Topographic Paintings and their Role in Dutch Overseas Expansion during the 16th and 17th Centuries*. Amsterdam: Batavian Lion International.

FONTES

- Van der Dussen, Adriaen. *Relatório sobre as capitâneas conquistadas no Brasil pelos holandeses (1639)*. [Tradução, introdução e notas de José Antonio Gonsalves de Mello]. Rio de Janeiro, s/d.
- Barlaeus, Capar. *Rerum per octennium in Brasilia Et alibi nuper gestarum, Sub Praefectura Illustrissimi Comitiss I. Maurittii Nassoviae*,

& Comitibus, Nuna Vesalie Gubernatoris & Equitatus Foederatorum Belgii Ordd. Sub Avriaco Ductoris, Historia. Amsterdã: Joan Blaeu, 1647. Coleção Brasileira/ Fundação Estudar.

Piso, W., Marcgraf, G. & De Laet, I. *Historia Naturalis Brasiliae* (1648), Franciscus Hack, Amsterdam. Coleção Ruy Souza e Silva.

CARTOGRAFIA

Georg Marcgraf, 1647, *BRASILIA qua parte paret BELGIS/ Brasiliae Geographica & Hydrographica Tabula nova, continens Praefecturas de Ciriji, cum Itapuama de Parnambuca Itamaraca Paraiba, & Potiji, vel Rio Grande. Quam proprys observationibus ac dimensionibus diuiturna peregrinationi ase habitis, fundamentaliter superstruebat et delineabat Georgius Marggraphius Germanus Anno Christi 1643*. Mapa impresso, Amsterdã, Joan Blaeu. Color, 117 x 161 cm; Coleção Brasileira/ Fundação Estudar – São Paulo.

Cartas de João Teixeira Albernaz I (c. 1616), *Rezão do Estado do Brasil ... Portugal*, manuscrito color; Seção de Reservados da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Códice 126.

Grondt teyckoningh van het Eylandt Antoni Vaaz het Recif ende vastelandt aende haven van Pernambuco in Brasil, soodanigh als die tegenwoor dige voor de West Indische Comp.º met Schansen Redouten ende andre wercken syn voorsien, in Caert gebracht door den Ingenieur Andreas Drewisch Bongesaltensis in julio A.º 1631. Holanda, manuscrito color; Algemeen Ryksarchief, Haia.